

## O fosso

(Luiz Ruffato)

06/10/2008 - 18:17

"Nada contra esses brasileiros que podem se dar ao luxo de despender sua fortuna em produtos que apenas exacerbam seu status social", escreve Luiz Ruffato.

O governo brasileiro comemorou no começo de agosto uma notícia realmente muito boa: a FGV (Fundação Getúlio Vargas), instituição privada que produz confiáveis estudos sobre a economia nacional, divulgou uma pesquisa mostrando que a proporção de «pobres» (Classe D) nas maiores regiões metropolitanas do país caiu de 35% para 25%, de abril de 2002 para abril de 2008.

Neste mesmo período, a «classe média» (Classe C), que era de 44% da população, chegou a 52%. Melhor ainda: os dados parecem evidenciar um movimento sólido, o que indica uma tendência possivelmente irreversível, se levados em conta os atuais parâmetros de crescimento econômico.

Destrinchemos esses números: segundo a FGV, a «classe média» é formada pela população cuja renda domiciliar total está situada entre R\$ 1064 e R\$ 4591 (respectivamente, 2,5 e 11 salários mínimos nacionais<sup>1</sup>, ou ainda, 673 a 2906 dólares<sup>2</sup>); e «pobres» seriam aqueles que possuem renda domiciliar total entre R\$ 768 e R\$ 1064 (1,8 e 2,5 salários mínimos, ou 486 e 673 dólares).

À «elite», ainda segundo os mesmos critérios, pertencem aqueles cuja renda mensal domiciliar supera os R\$ 4591 – sendo que, do total da população, cerca de um por cento recebe acima de R\$ 16.600 (40 salários mínimos).

E é exatamente aqui que nos deparamos com a nossa verdadeira encruzilhada. Mesmo relevando a bastante discutível conceituação de «pobre», «classe média» e «elite» utilizada pela FGV, restam ainda 7,3% da população (cerca de 13,5 milhões de pessoas) classificados como «indigente» (Classe E), cuja renda domiciliar fica abaixo de R\$ 768 por mês. Só para termos um elemento de comparação, uma cesta básica, definida por decreto governamental como «suficiente para o sustento e bem-estar de um trabalhador em idade adulta», custava, em junho deste ano, o equivalente a R\$ 245,54, segundo dados do Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos).

Ora, levando em conta uma família composta por quatro pessoas, pai e mãe trabalhando e dois dependentes, fica evidente a penúria desses que se encontram à margem da sociedade, sem direito a moradia e alimentação decentes, sem acesso à educação e à saúde nem ao sistema básico de água e esgoto.

E justamente esses é que estão mais expostos aos inacreditáveis índices de violência brasileiros, fenômeno que se alastra por todos os cantos do país (somente em São Paulo foram computados 627 homicídios no primeiro semestre, concentrados basicamente em áreas extremamente carentes da Zona Sul da cidade).

Por outro lado, segundo o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), os dez por cento mais ricos do Brasil detêm 75,4% da riqueza total do país – e a ostentam, sem constrangimentos.

Em excelente reportagem publicada no jornal Folha de S. Paulo, de 3 de agosto último, a colunista Mônica Bergamo mostra que esse contingente, que não conhece as intermináveis filas nos postos de saúde ou nos pontos de ônibus, não se importa nem um pouco de freqüentar outros tipos de «fila».

Segundo ela, em São Paulo, há espera para a compra do relógio Pasha Seatimer Chrono, de aço, na joalheria Cartier, por R\$ 26.880; para o lápis comemorativo do 240.º aniversário da Faber-Castell, com extensor de ouro branco e três brilhantes no topo, por R\$ 29.160; para o batom Lip Maximizer, da Dior, por R\$ 106; para as bolsas Limelight (R\$ 3500) e Galliera (R\$ 3400), da Louis Vitton; e para o chinelo de plástico da Chanel, R\$ 1300 o par...

Nada contra esses brasileiros que podem se dar ao luxo de despender sua fortuna em produtos que apenas exacerbam seu status social. A vergonha é que, enquanto alguns brasileiros aguardam impacientes a chegada de um lote do vinho francês Romanée-

Conti 2005, a R\$ 14.300 [cerca de 1500 euros] a garrafa, ou seja, 34,5 salários mínimos, milhões de outros ainda vêm seus filhos morrerem antes de completar um ano de idade, vítimas de doenças infecciosas e parasitárias...